Bolsas — Na quarta-feira: 0,77% São Paulo; 0,27% Nova York

Pontuação B3 — Ibovespa nos últimos dias: 112.558 (2/6, 5/6, 6/6, 7/6) 115.488

Dólar — Na quarta-feira: R$ 4,924 (+ 0,24%)

Últimos	
1/junho	5,006
2/junho	4,953
5/junho	4,930
6/junho	4,912

Salário mínimo: R$ 1.320

Euro — Comercial, venda na quarta-feira: R$ 5,266

CDI — Ao ano: 13,65%

CDB — Prefixado 30 dias (ao ano): 13,64%

Inflação — IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2023	0,53
Fevereiro/2023	0,84
Março/2023	0,71
Abril/2023	0,61
Maio/2023	0,23

CONJUNTURA

Pobres sentem inflação maior do que os ricos

Apesar da desaceleração de preços de alimentos, reajustes de transporte público pesaram no bolso dos que ganham menos

» EDLA LULA
» ROSANA HESSEL

Os dados da inflação de maio trouxeram um alento aos cidadãos de classes mais baixas, que almoçam e jantam em casa, devido à desaceleração mais forte nos preços dos alimentos. Contudo, os reajustes no transporte público em várias cidades fizeram os pobres sentirem mais o impacto da carestia do que os mais ricos.

Conforme os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial e tem como base as famílias com renda acima de cinco salários mínimos, desacelerou de 0,61% para 0,23%, entre maio e abril — dado bem abaixo das estimativas do mercado, de 0,37%. Enquanto isso, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), indicador da carestia para as famílias com renda mensal de até cinco salários mínimos, recuou de 0,53% para 0,36%, no mesmo período.

A alta de preços de ônibus urbanos foi de 2,83% em maio, de acordo com o IBGE. Apesar disso, o grupo Transportes deu uma contribuição negativa de 0,12 ponto percentual no IPCA do mês passado — devido, principalmente, às quedas dos preços dos combustíveis (-1,82%) e das passagens aéreas (-17,73%), beneficiando os mais abastados e que não utilizam transporte público.

Conforme dados do IBGE, o grupo Alimentos e bebidas também influenciou bastante para a desaceleração do índice geral ao recuar de 0,71% para 0,16%, entre abril e maio. Segundo André Almeida, analista da pesquisa do órgão, "trata-se do grupo com maior peso no índice, o que acaba influenciando bastante no resultado geral".

O subgrupo de alimentos registrou quedas de 3,48%, nos preços das frutas; de 7,11%, no óleo de soja; e de 0,74%, nas carnes. "Quando há uma redução nos preços de alimentos in natura e de itens básicos, isso acaba beneficiando consideravelmente a camada mais pobre da população, entre os que recebem até cinco salários mínimos ou que são beneficiários dos programas sociais, porque eles têm o seu poder de compra elevado", disse o economista Ecio Costa, professor titular de Economia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ele destacou ainda que, combinado com o reajuste do salário mínimo um pouco acima da inflação, o poder de compra dos pobres torna-se maior.

O economista e sociólogo, César Bergo, professor de Mercado Financeiro da Universidade de Brasília (UnB), ressalta, no entanto, que outros importantes itens da cesta dos mais pobres sofreram elevação, como o tomate (de 6,65%), o leite longa vida (2,37%) e o pão francês (1,40%). "Para uma família que consome mais pão, tomate e leite do que fruta e carne, o impacto da inflação continua sendo forte". Bergo destacou também que o índice do IBGE é uma média, resultado de altas e reduções de preços nos estados, "portanto, alguns estados estão observando inflação e outros, deflação".

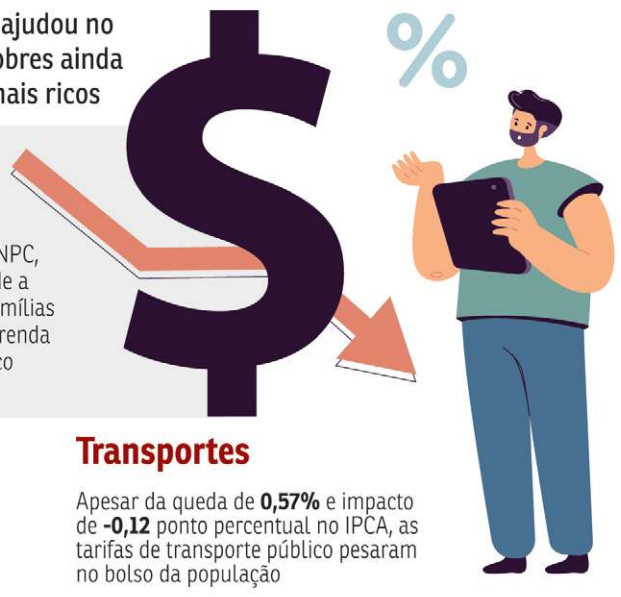
Tanto no IPCA quanto no INPC houve alta em 15 das 16 capitais pesquisadas pelo IBGE. A maior variação do INPC, por exemplo, ocorreu em Belo Horizonte, de 0,79%, devido ao aumento de 25% do ônibus urbano. São Luís teve deflação de 0,33%, influenciada pelas quedas de 7,63%, nos preços do frango inteiro, e de 5,87% no custo da gasolina.

Para o economista Guilherme Costa Delgado, pesquisador aposentado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e consultor na área agrícola, embora os dados relacionados aos preços de alimentos estejam caindo neste ano, a tendência ainda é que a inflação de alimentos fique acima da média geral do IPCA, podendo girar em torno de 7%. Enquanto isso, as últimas revisões para baixo do mercado devido ao dado da inflação oficial de 2023 estão ficando cada vez mais perto de 5%.

Na avaliação de Delgado, autor do livro *Do capital financeiro na agricultura: a Economia do Agronegócio*, o país necessita de políticas públicas que contemplem o incentivo à diversificação na produção de alimentos, pois existe uma grande concentração de commodities, que ocupam 90% da área plantada e influenciam no preço da cesta básica. "Quando as commodities sobem no mercado global, sobe também o valor na cesta básica. Quando caem de preço no mercado internacional, o sistema econômico usa a desvalorização cambial para compensar os exportadores, mas onera os consumidores do mercado interno", disse. Ele defendeu melhor planejamento da produção para o mercado interno e a volta de estoques reguladores para ajudarem a conter as pressões inflacionárias dos alimentos.

Diferenças de impacto

A desaceleração dos preços dos alimentos ajudou no resultado do IPCA de maio, mas os mais pobres ainda sentiram inflação mais pesada do que os mais ricos



Veja a disparidade das taxas

0,23% — Variação em maio do IPCA, que mede a inflação oficial para as famílias com renda acima de cinco salários mínimos por mês

0,36% — Alta em maio do INPC, indicador que mede a carestia para as famílias mais pobres, com renda mensal de até cinco salários mínimos

Alimentação e bebidas

A desaceleração observada no grupo, de **0,71%**, em abril, para **0,16%**, em maio, foi influenciada pela alimentação em domicílio que avançou **0,73%**, mesma variação de abril

Destaques
Variação no mês (em %)

Tomate	6,65
Leite longa vida	3,48
Pão francês	1,4
Hortaliças e verduras	-0,47
Frutas	-3,48
Carnes	-0,74
Pescados	-0,92
Óleos e gorduras	-4,04

Transportes

Apesar da queda de **0,57%** e impacto de **-0,12** ponto percentual no IPCA, as tarifas de transporte público pesaram no bolso da população

Destaques
Variação no mês (em %)

Passagens aéreas	-17,73
Combustíveis	-1,82
Óleo diesel	-5,96
Gasolina	-1,93
Gás veicular	-1,01
Tarifas de metrô	0,91
Ônibus urbano	2,83

Fonte: IBGE

BANCO CENTRAL

64% de valores a receber não foram sacados

Os brasileiros ainda não sacaram R$ 7,08 bilhões em recursos no sistema financeiro, de acordo com dados do Banco Central divulgados na quarta-feira (6). Esse montante equivale a 64,3% de um total de R$ 11,01 bilhões postos à disposição pelos bancos em contas esquecidas. Até agora, o Sistema de Valores a Receber (SVR) devolveu R$ 3,93 bilhões.

Em relação ao número de beneficiários, 13.970.528 correntistas resgataram valores. Isso representa apenas 35,93% da soma de 38.876.360 correntistas incluídos na lista desde o início do programa, em fevereiro do ano passado. Entre os que já retiraram valores, 13.477.382 são pessoas físicas e 493.146, pessoas jurídicas. Dentre os que ainda não fizeram o resgate, 36.120.242 são pessoas físicas e 2.756.118, pessoas jurídicas.

A maior parte das pessoas e empresas que ainda não fizeram o saque tem direito a pequenas quantias. Os valores a receber de até R$ 10 concentram 62,68% dos beneficiários. Só 1,78% tem direito a receber mais de R$ 1 mil. Depois de ficar fora do ar por quase um ano, o SVR foi reaberto em março, com novas fontes de recursos, um novo sistema de agendamento e a possibilidade de resgate de valores de pessoas falecidas. Em março, foram resgatados R$ 505 milhões esquecidos e, no mês seguinte, o valor caiu para R$ 259 milhões.

A nova fase do SVR tem novidades importantes, como impressão de telas e de protocolos de solicitação para compartilhamento no WhatsApp e inclusão de todos os tipos de valores previstos na norma do SVR. Foi criada uma sala de espera virtual, que permite que todos os usuários façam a consulta no mesmo dia, sem a necessidade de um cronograma por ano de nascimento ou de fundação da empresa.

Marcello Casal JrAgência Brasil



Segundo o BC, R$ 7,08 bilhões continuam parados em contas esquecidas

>> DEU NO www.correiobraziliense.com.br

Mais 5 casos de gripe aviária confirmados

O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) informou, ontem, que cinco novos focos de influenza aviária de alta patogenicidade (IAAP, vírus H5N1) foram detectados no Brasil, em aves silvestres. No total, agora, há 30 casos da doença em aves silvestres no país. Segundo a pasta, há outras seis investigações em andamento, com coleta de amostra e sem resultado laboratorial conclusivo. De acordo com o órgão governamental, as notificações em aves silvestres não comprometem o status do Brasil como país livre de IAAP e não trazem restrições ao comércio internacional de produtos avícolas brasileiros, conforme prevê a Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA).

OCDE fala em progresso do Brasil

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) relatou progresso no processo de acessão do Brasil, além de outros países como Bulgária, Croácia, Peru e Romênia, em comunicado sobre a reunião ministerial. "Continuamos nossa colaboração com parceiros-chave e outros, inclusive por meio de programas regionais e nacionais, bem como sua adesão aos padrões da OCDE", disse a organização, enfatizando "a importância do multilateralismo e da união para enfrentar os desafios globais e ir além de nossos membros atuais". A reunião de ontem teve como tema "garantindo um futuro resiliente: valores compartilhados e parcerias globais" e foi encabeçada pelo Reino Unido na presidência. O encontro também reafirmou os valores da comunidade e condenou a invasão da Rússia à Ucrânia mais uma vez.

Desemprego estável na OCDE

A taxa de desemprego nos países OCDE ficou estável em 4,8% em abril, pelo terceiro mês consecutivo, de acordo com dados da entidade sediada em Paris. Assim, o número de desempregados nas economias do chamado de clube dos ricos recuou para 33 milhões, perto da mínima histórica marcada em julho do ano passado. Entre os 38 integrantes da OCDE, 10 registraram estabilidade na taxa, enquanto 14 tiveram queda e nove observaram avanço, conforme a organização. O indicador ficou no menor nível da história ou próximo dele em oito países em abril, entre eles Canadá, França, Alemanha e Estados Unidos. A OCDE ainda prevê desaceleração do Produto Interno Bruto (PIB) global, passando de 3,3%, em 2022, para 2,7%, em 2023. A entidade aposta em uma "modesta" aceleração para 2,9%, em 2024, mas alerta que "a retomada permanece frágil".